



DOI: <https://doi.org/10.58871/CONSAMU24.C42>

**DESVELANDO OS DESAFIOS OCULTOS NA ROMANTIZAÇÃO DA
MATERNIDADE: OS IMPACTOS DA SAÚDE MENTAL NA JORNADA MATERNA
ATÍPICA**

**UNCOVERING THE HIDDEN CHALLENGES IN THE ROMANTICIZATION OF
MOTHERHOOD: THE IMPACTS OF MENTAL HEALTH ON THE ATYPICAL
MATERNAL JOURNEY**

ANA AMÉLIA FREIRE BEZERRA

Graduanda em Psicologia pela UNIFACISA¹

MARIA LUIZA NASCIMENTO MAGALHÃES

Graduanda em Psicologia pela UNIFACISA¹

MARIA LAURA SOUSA ALVES QUINTO

Graduanda em Psicologia pela UNIFACISA¹

YASMIM ARIELLY DOS ANJOS CONFESSOR

Graduanda em Psicologia pela UNIFACISA¹

LETÍCIA DE MÉLO SOUSA

Doutora e Mestre em Psicologia Social pela UFPB, Psicóloga (CRP/13 - 6856), formada e licenciada pela UEPB, Professora Adjunta na UNIFACISA²

RESUMO

Objetivo: O presente estudo tem como objetivo analisar os desafios ocultos na romantização da maternidade a partir da jornada de mães atípicas, além de investigar os impactos em sua saúde mental devido à idealização materna nos aspectos culturais e sociais. **Metodologia:** A coleta de dados foi realizada por meio de consultas em base de dados, como: Periódicos CAPES e BVSsalud. Os descritores utilizados para efetivação das buscas foram: Maternidade; Mães; Crianças com Deficiência; Feminino; Construção; Poder Familiar e Rede Social. **Resultados e Discussão:** A discussão das publicações analisadas revelam a forte influência da construção social da feminilidade na vida das mães atípicas, que enfrentam desafios únicos em sua jornada. A romantização da maternidade intensifica as pressões, gerando sentimentos de inadequação, culpa e exaustão entre as mães atípicas. Além disso, observou-se uma sobrecarga emocional significativa devido às mudanças e adaptações necessárias para atender às demandas de cuidado de seus filhos. **Considerações Finais:** Observa-se a importância de reconhecer a jornada materna atípica de forma mais abrangente e fornecer uma rede de apoio que ofereça um suporte emocional, prático e social, aliviando a sobrecarga diária e promovendo sua saúde mental. **Palavras-chave:** mulher; maternidade atípica; saúde mental.

ABSTRACT

Objective: This study aims to analyze the challenges hidden in the romanticization of motherhood from the perspective of atypical mothers, as well as investigating the impacts on their mental health due to maternal idealization in cultural and social aspects. **Methodology:** Data was collected by consulting databases such as Periódicos CAPES and BVSalud. The descriptors used were: Maternity; Mothers; Children with Disabilities; Female; Construction; Family Power and Social Network. **Results and Discussion:** The discussion of the publications analyzed reveals the strong influence of the social construction of femininity in the lives of atypical mothers, who face unique challenges in their journey. The romanticization of motherhood intensifies the pressures, generating feelings of inadequacy, guilt and exhaustion among atypical mothers. In addition, a significant emotional overload was observed due to the changes and adaptations needed to meet the demands of caring for their children. **Final considerations:** It is important to recognize the atypical mother's journey in a more comprehensive way and provide a support network that offers emotional, practical and social support, relieving the daily burden and promoting their mental health.

Keywords: woman; atypical motherhood; mental health.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a maternidade tem sido associada, intrinsecamente, às mulheres, fundamentada em sua fisiologia e capacidade reprodutiva. Esta concepção, enraizada no contexto biológico, envolve as expectativas sociais impostas às mulheres e negligência o reconhecimento de seus desejos individuais (Santos; Galvão; Sousa, 2024). Assim, dentro da dinâmica social, a maternidade se consolida através de influências sociais, culturais e históricas, afetando como a sociedade atribui responsabilidades às mulheres nesse contexto (Santos; Galvão; Sousa, 2024).

A romantização da maternidade, muitas vezes, oculta a complexidade dos desafios inerentes à vivência feminina. Nesse contexto, Beauvoir (1949), em sua obra *O Segundo Sexo*, introduz a noção de que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher", destacando que a identidade materna é construída socialmente e individualmente ao longo do tempo. Logo, ao entender esse conceito, a maternidade, frequentemente, é romantizada na sociedade, impedindo as mulheres de reconhecer e lidar com as complexidades e dificuldades reais da experiência materna (Emidio *et al.*, 2023).

Além disso, constata-se que a construção do ideal materno revela a influência significativa de imposições sociais utópicas (Dias *et al.*, 2022). Nesse sentido, tal problemática perpetua-se na contemporaneidade, a exemplo do que se observa nas mídias sociais, onde são difundidas representações que simplificam a maternidade, reduzindo-a a sentimentos de amor, alegria, satisfação e conquista, contribuindo para a concepção do mito da mãe ideal (Emídio;



Scaliante, 2023). Como resultado, emergem pressões que as mulheres enfrentam para se incluírem no padrão de “boa mãe”, resultando, frequentemente, em uma vivência materna mais orientada a partir de expectativas externas do que pelo atendimento em satisfazer as necessidades emocionais próprias e dos bebês (Emídio; Scaliante, 2023). Isso reflete, diretamente, na expectativa que muitas mães vivenciam, gerando sentimentos de inadequação e culpabilização quando essas expectativas não são alcançadas (Dias *et al.*, 2022).

Sobre esse viés, a maternidade é uma experiência única e sensível para as mulheres e, quando somada a uma experiência atípica, elas enfrentam grandes desafios (Santos; Nogueira; Mokarin, 2023). O termo “maternidade atípica” refere-se às mães de filhos atípicos, que representam crianças com características, condições ou necessidades diferentes das consideradas típicas, incluindo deficiências físicas, mentais, sensoriais ou de desenvolvimento (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

A família é considerada a principal via responsável pelo desenvolvimento da criança, tornando-se, ainda, crucial o papel de adaptação e reorganização diante de novos contextos, especialmente em situações desafiadoras, como a criação de um filho atípico (Freitas; Gaudenzi, 2022). No entanto, segundo estudos de Emídio e Scaliante (2023), atualmente, ainda persiste a expectativa de que a responsabilidade pelo cuidado das crianças recaia, exclusivamente, sobre as mães, o que aumenta seu sofrimento e mal-estar emocional. Assim, na realidade de uma mãe atípica, o sofrimento é intensificado pela culpa e pela necessidade de enfrentar sozinha grande parte dos cuidados e tratamentos da criança (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

Tendo o conhecimento na literatura de que muitas mães enfrentam inúmeros desafios e implicações, torna-se necessário um maior conhecimento específico sobre a maternidade atípica. Dessa forma, o objetivo deste estudo é debater a romantização da maternidade através da análise da jornada de mães atípicas e os impactos em sua saúde mental. Para tanto, a metodologia utilizada foi uma revisão de literatura narrativa, explorando aspectos culturais e sociais da maternidade romantizada, analisando os desafios enfrentados por mães atípicas e abordando as consequências para sua saúde mental.

Portanto, esta revisão contribui para desmistificar a idealização da experiência materna, visto que a romantização ignora e ocultam os reais desafios enfrentados pelas progenitoras. Além disso, pesquisar sobre esse tema é relevante para promover a compreensão da maternidade como algo complexo e reconhecer as situações que, muitas vezes, são cercadas de estigma e preconceito.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração do presente estudo, utilizou-se a abordagem de pesquisa qualitativa, empregando uma revisão bibliográfica narrativa, visando examinar e sintetizar as evidências disponíveis acerca do tema escolhido. A escolha desta metodologia justifica-se pela sua relevância para a produção da pesquisa científica, uma vez que as revisões de literatura são essenciais para a discussão de resultados e a identificação do conhecimento existente na literatura (Andrade, 2021).

Para a coleta de dados na literatura, foram realizadas buscas nas bases de dados do Periódicos CAPES e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores selecionados incluíram: “Maternidade”, “Mães”, “Crianças com Deficiência”, “Feminino”, “Construção”; “Poder Familiar” e “Rede Social”. A pesquisa foi conduzida a partir da combinação de tais termos utilizando o operador booleano "AND", sendo eles: “Maternidade AND Crianças com Deficiência”; “Mães AND Crianças com Deficiência”; “Feminino AND Construção AND Maternidade” e “Poder Familiar AND Rede Social AND Mães AND Maternidade”.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para a seleção de documentos: publicação de artigos em periódicos revisados por pares nas bases de dados mencionadas anteriormente; artigos publicados nos últimos cinco anos (2019 a 2024) e artigos redigidos exclusivamente na língua portuguesa. Como critérios de exclusão, foram descartados artigos duplicados e aqueles que não abordavam o tema proposto. A partir dos critérios, realizada a busca, a seleção dos estudos consistiu na leitura prévia dos resumos e na análise sobre a relevância da temática em questão.

Após uma busca abrangente, foram identificadas um total de cento e setenta e duas publicações. Destas, oito foram excluídas devido à duplicação e apenas oito atenderam aos critérios para inclusão na análise final. A seleção limitada de publicações pertinentes destaca os desafios encontrados na identificação de estudos específicos que abordem essa área crucial da saúde materna.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção social da feminilidade está intrinsecamente ligada à maternidade, limitando a identidade feminina a este papel e desprezando o fato que algumas mulheres não almejam a maternidade, sem permitir espaço para outras realizações próprias (Santos; Galrão; Sousa, 2024). Tal cenário evidencia o profundo impacto da construção social sobre a formação da identidade feminina, visto que, por longos períodos, renunciar à maternidade era interpretado



como um ato de rejeição à própria essência feminina (Silva; Cruz; Sousa, 2022). Desse modo, a maneira como a maternidade é vivenciada e percebida está intimamente ligada às crenças e expectativas culturais sobre o papel das mulheres e sua feminilidade (Silva; Cruz; Sousa, 2022).

A sociedade contemporânea persiste na ideia de que as mulheres são, exclusivamente, responsáveis pela criação, cuidado e educação dos filhos, além de terem de conciliar essas responsabilidades com outros papéis sociais, como cuidar da casa, do parceiro e, muitas vezes, da família inteira (Santos; Galvão; Sousa, 2024). Logo, apesar de alguns progressos sobre os direitos e igualdades conquistado pelas mulheres, ainda persiste uma expectativa social, estigmatizada, de que todas as mulheres devem se tornar mães, tornando um requisito inevitável de suas vidas (Santos; Galvão; Sousa, 2024).

Segundo Emídio e Scaliante (2022),

A construção desse amor materno elevou a maternidade a um dever da mulher, algo natural que compõe a natureza de ser mulher, o que trouxe a ideia de que para ela ter uma realização plena de sua feminilidade, deveria corresponder a vocação materna, seguindo todas as idealizações da sociedade (Emídio; Scaliante, 2023, p.5).

Sendo assim, ao se deparar com uma romantização de comportamentos considerados “maternos”, as mulheres podem desenvolver sentimentos de inadequação, impulsionando-as a uma busca incessante por uma perfeição inatingível (Dias *et al.*, 2022). Como consequência, as mães internalizam sentimentos de culpa por não conseguirem corresponder a esse padrão idealizado, sentindo que algo está inadequado em suas vidas, como também no cuidado com os seus filhos (Emídio; Scaliante, 2023). Nesse contexto, dada a idealização social da maternidade, as mulheres expressam sentimentos de insatisfação e frustração, o que repercute significativamente em sua saúde mental (Emídio; Okamoto; Maia; Rodrigues, 2023).

De acordo com Freitas e Gaudenzi (2022), a idealização da maternidade não se restringe apenas à imagem da mãe como perfeita, mas, também, inclui a expectativa de que o filho seja “ideal”, de acordo com determinados padrões. Diante desse cenário, ao abordar sobre a maternidade atípica, compreende-se que a chegada de uma criança com deficiência é uma experiência inesperada, que demanda significativas mudanças e adaptações por parte da família (Freitas; Gaudenzi, 2022). Além disso, o diagnóstico impacta emocionalmente as mães, causando uma ruptura com suas expectativas idealizadas, o que pode afetar o vínculo com o filho e desencadear sentimentos de depressão, culpa, revolta e negação, podendo influenciar o desenvolvimento de ambos (Roiz; Figueiredo, 2023).

Havendo uma crescente preocupação em relação às necessidades das crianças com deficiência, muitas vezes, os sentimentos das mães que enfrentam essa jornada atípica são negligenciados, inviabilizando suas emoções e dificuldades enfrentadas diariamente



(Crisostomo; Grossi; Souza, 2019). Dessa forma, as mães de crianças com deficiência enfrentam conflitos emocionais, falta de suporte e dificuldades de desenvolver estratégias para enfrentar essa situação de desamparo diante do possível impacto causado pela condição de deficiência do filho (Silva; Cruz; Sousa, 2022).

Nesse sentido, a jornada de mães de crianças atípicas atravessam diversas emoções, como reações de tristeza, choque e resignação, ao descobrirem as necessidades específicas de seus filhos, assumindo integralmente a responsabilidade pelo cuidado dos menores (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019). Além disso, essas mães vivenciam sentimentos de insegurança e medo em relação ao seu papel de cuidadora, sentindo-se desprovidas de preparo e capacidade para suprir as necessidades da criança (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

É importante ressaltar que, na maioria das vezes, são as mães que carregam o peso dos cuidados com os filhos com deficiência, o que pode sobrecarregá-las consideravelmente, visto que, muitas delas não recebem o suporte necessário dos familiares, especialmente, do pai da criança, e acabam assumindo, sozinhas, a responsabilidade principal pelos cuidados, vivenciando grande impacto em vários aspectos das suas vidas (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019). Segundo Silva, Cruz e Sousa (2022), a sobrecarga na maternidade atípica é causada pela grande demanda diária de cuidados e atenção ao filho, destacando as necessidades especiais, como cuidados extras e atenção à educação e à saúde, tornando as experiências mais intensas e difíceis de conciliar.

Ademais, o comprometimento intenso com o cuidado das crianças, frequentemente, leva as mães a negligenciar seus próprios interesses e necessidades especiais, resultando na falta de participação em atividades adicionais no cotidiano (Roiz; Figueiredo, 2023). Conseqüentemente, a exaustiva rotina dessas mães implica numa dedicação exclusiva ao cuidado materno, fazendo com que o autocuidado seja frequentemente esquecido (Roiz; Figueiredo, 2023). Nesse quadro, dependendo do desenvolvimento atípico da criança, as mães precisam ajustar suas atividades e responsabilidades, levando em consideração as necessidades específicas de cuidado de seus filhos (Roiz; Figueiredo, 2023).

A experiência da maternidade requer significativas abdições pessoais, enfrentamento de desafios, habilidades e, acima de tudo, a responsabilidade integral por outra existência (Dias *et al.*, 2022). Dentro desse contexto, uma dificuldade adicional enfrentada pelas mães é a conciliação entre as responsabilidades profissionais e os cuidados com os filhos (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019). Assim, de acordo com estudos realizados, o trabalho é afetado na realidade de muitas mães, visto que, devido à sobrecarga de responsabilidades familiares, muitas mulheres precisam interromper suas jornadas de trabalho, para lidar com essas



demandas (Crisostomo; Grossi: Souza, 2019).

Devido à influência dos estereótipos e normas sociais que definem o ideal da maternidade, as mães atípicas, muitas vezes, se desviam desses padrões, emergindo o preconceito e discriminação, como sendo, também, uma das dificuldades enfrentadas por elas (Crisostomo; Grossi: Souza, 2019). Nesse sentido, tais preconceitos não se limitam apenas às mães, mas também afetam suas crianças, evidenciando, assim, a tendência da sociedade em discriminar aquilo que se distancia das normas estabelecidas como típicas (Crisostomo; Grossi: Souza, 2019). Arelado a esse viés, ao receberem o diagnóstico, muitas mães expressam um medo persistente de que seus filhos não sejam socialmente aceitos, tendo dificuldades de integração, gerando preocupação e inquietação em relação ao futuro das crianças (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

Assim, diante das barreiras impostas pela idealização da maternidade, torna-se importante a presença de uma rede de apoio na vida das mães atípicas para lidar com as múltiplas demandas e desafios que elas enfrentam diariamente, sendo esta rede de apoio emocional (composta por familiares e amigos) e estatal (composta por políticas públicas de qualidade). Dessa forma, é essencial ouvir e compreender a jornada dessas mães, visto que, diante de uma rotina exaustiva, elas expressam sentimentos de tristeza, cansaço, frustração e inadequação (Crisostomo; Grossi: Souza, 2019). Assim, reconhecer a exaustão ocupacional dessas mães é fundamental para garantir sua saúde mental e bem-estar (Roiz; Figueiredo, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar as repercussões do feminino em um contexto cultural caracterizado por expectativas normativas, que impõe que as mulheres devem assumir comportamentos gentis e desempenhar o papel de provedoras de cuidados, particularmente sobre o lugar da maternidade, evidencia-se a construção dos ideais da figura materna, concebida como atenciosa e protetora do núcleo familiar. Contudo, nota-se a presença de contradições em função da maternidade e da posição da mulher, as quais são frequentemente encarregadas de atender demandas específicas de cuidado, especialmente em casos de maternidades atípicas.

Considerando as expectativas sociais mais elevadas impostas às mães e mulheres, que são frequentemente vistas como as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, o impacto de uma notícia de que seu filho tenha algum tipo de deficiência (neurológica, por exemplo), modifica com maior impacto a vida dessas mães que, muito provavelmente, desocupam suas profissões, estudos e cuidados pessoais, para poder acompanhar e cuidar dos



seus filhos. Sendo assim, a maternidade atípica deve ser entendida como um desafio que necessita de soluções específicas, flexíveis e abordadas de maneira própria, visando um novo olhar para a saúde e bem-estar dessas mães cuidadoras (Viana; Benincasa, 2023).

Por essa razão, a construção deste artigo propõe pensar o impacto dessa função idealizada na vida dessas mães atípicas, enquanto pessoas que estão fragilizadas e pouco amparadas, seja por seus familiares ou pelo próprio sistema de saúde, onde, muitas vezes, são negligenciadas dentro da sua própria existência como mulher.

Dessa forma, proporcionar espaços de escuta de partilhada em políticas públicas, onde seja possível ouvir as vivências, angústias, insatisfações, inseguranças dessas mães, poderiam fazer com que elas pudessem retornar ao ser mulher dentro dessa maternidade atípica, de modo a conquistar a autoconfiança em suas vidas. Além disso, o sistema de saúde pública deve fornecer à família materiais informativos que possibilitem orientações mais adequadas a respeito do quadro do desenvolvimento dos seus filhos, apoiando a causa, de forma a promover saúde física e mental a essas mães.

Por fim, ressalta-se a importância de ampliar a discussão sobre a temática nas esferas acadêmicas e científicas, visando a construção de um conhecimento mais qualificado para os familiares que enfrentam o desafio do desenvolvimento de seus filhos em condições atípicas, sendo capazes de se expandir como mulheres e mães, fugindo a crenças e valores limitantes sobre seu ato de criação e cuidado aos seus filhos. Logo, essa ampliação também pode contribuir significativamente para a promoção da saúde mental dessas mulheres e mães, oferecendo-lhe suporte e reconhecimento sobre a sua jornada associada ao cuidado de um filho com necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, P. P. T. de, DIAS, T. A., MORAIS, K., C. de, SANTOS, Y. C. da S., SILVA, J. W. M. da., TAVARES, N. B. F., Gomes, S. C., & Morais, A. B. de S. Maternidade romantizada: expectativas do papel social feminino pós-concepção. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 40, p. e-021313, 2022.

ANDRADE, M. C. R.. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 1-5, dez. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos, vol. 1 (1949). Tradução Sérgio

Crisostomo, K. N.; Grossi, F. R.; Souza, RD. As Representações Sociais da Maternidade para Mães de Filhos(as) com Deficiência. **Rev Psicol Saúde** [Internet]. p.79-96, 2019.



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



EMIDIO, T. S.; OKAMOTO, M. Y.; MAIA, B. B.; RODRIGUES, R. P. Idealização da maternidade e herança psíquica: reflexões no contemporâneo. **Vínculo**, v. 20, n.1, p. 3-15, 2023.

EMIDIO, T. S.; SCALIANTE, G. B. O ideal de maternidade nos espaços virtuais: Um estudo sobre a percepção da maternidade de "mommy influencers" no instagram. **Estud. Interdiscip. Psicol**, v.13, p.1-21, 2022.

Freitas, B. M. S.; Gaudenzi, P. “Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 27, n. 4, p. 1595-1604, 2022.

PASTORELLI, S. D. O. S.; VIANA, C. T. D. S.; BENICASA, M. G. Maternidade Atípica: Caracterização do Sofrimento e seus Enfrentamentos. **Revista Acadêmica Online**, [S. l.], v. 10, n. 50, p. 1–21, 2024.

ROIZ, R. G.; FIGUEIREDO, M. DE O. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, p. e3304, 2023.

SANTOS, G. C.; GALRÃO, P. DA L.; SOUSA, L. C. B. DE S. Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade(s) e maternidade(s). **Saúde e Sociedade**, v. 33, n. 1, p. e220388pt, 2024.

SANTOS, M. C. S. D.; NOGUEIRA, M. L. M.; MOKARIN, G. B. MATERNIDADE OU MATERNAGEM: O LUGAR DA MULHER NO CUIDADO DO FILHO ATÍPICO. **Revista Mosaico**, v. 16, n. 4, p. 151–160, 2023.

SILVA, F. A.; CRUZ, F. M. L.; SOUSA, W. P. A. Maternidade e religiosidade nas representações sociais da infância por mães de crianças com deficiência. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 115–132, 2022.